

Tradução de divulgação científica internacional: uma experiência multicultural na Sociedade Internacional de Recifes de Coral - Capítulo Estudantil e de Jovens Pesquisadores (ICRS-SECC)

Gustavo Shintate*¹, Thomás Banha^{2,3}, Ana Carolina Grillo⁴

e-mail para contato: gsi.shintate@unifesp.br

Resumo: Divulgação científica internacional não é só para Inglês ver! Trazemos reflexões sobre a potencialidade da entrada de brasileiros para a equipe do Capítulo Estudantil e de Jovens Pesquisadores da Sociedade Internacional de Recifes de Coral.

Palavras-chaves: Ciência recifal, comunicação, barreira linguística

Introdução

Um dos grandes desafios atuais da ciência contemporânea é a sua divulgação eficiente voltada para a população geral. Para que este diálogo ocorra, é essencial que ambos os grupos, cientistas e população, estejam minimamente alinhados quanto ao idioma. De acordo com um levantamento realizado pela Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura (OEI), 95% da ciência produzida no mundo em 2020 foi na língua inglesa (Badillo, 2021). Apesar de um único idioma como língua universal da ciência ter facilitado a disseminação do conhecimento além de barreiras entre culturas e países, o inglês passa também a ser uma barreira de acesso ao conhecimento (Tardy, 2004) sendo atualmente essencial a adoção de mais idiomas para uma comunicação efetiva (Márquez e Porras, 2020).

No Brasil ocorre um importante contraste entre produção científica e acesso à língua inglesa. Mesmo com os cortes cada vez mais intensos de financiamento da Ciência no Brasil, este ainda é o 13º país que mais produziu pesquisa no ano de 2021 (Centro de Gestão e Estudos Estratégicos - CGEE, 2022), sendo 88% dos artigos redigidos em inglês. Apesar destes números, apenas 5% da população possui algum nível de proficiência e 1% se declara, de fato, fluente na língua inglesa (British Council, 2014). Isso está diretamente ligado à cobrança por publicações de maior alcance e impacto, refletindo nas decisões não só para pesquisadores, mas também de revistas científicas brasileiras em priorizar a língua inglesa (Abad *et al.* 2020).

A ciência recifal, que se dedica a estudar os recifes de coral e outros ambientes recifais, como costões rochosos, é permeada por várias áreas do conhecimento, como biologia, física, química, oceanografia etc. Por ser considerado esteticamente como um dos ambientes mais bonitos, recifes despertam uma curiosidade e empatia enorme na população em geral (Pert *et al.*, 2020) e possuem um potencial para conectar o grande público com urgência de sua conservação (D'Agata, 2022). No entanto, mesmo considerando a proximidade dos ambientes recifais com relações culturais e econômicas humanas e também a fragilidade dos ambientes costeiros e sua ocupação, ainda existem muitas barreiras de comunicação científica.

1 Instituto do Mar. Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP, Brasil.

2 Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

3 Laboratório de Ecologia e Conservação Marinha, Centro de Biologia Marinha, Universidade de São Paulo, São Sebastião, SP, Brasil

4 Laboratório de Ecologia Marinha, Departamento de Oceanografia e Limnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

Sob a proposta de promover e disseminar a ciência recifal, devido ao aumento no uso da internet como fonte de informações científicas (Groffman *et al.*, 2010), houve também um aumento em projetos focando na produção de material com linguagem acessível, divulgada por meio de redes sociais ou blogs para atingir camadas demográficas diversas (idade, localização, escolaridade) e, assim, um público potencial maior. Neste sentido, em 2018 foi criado o Capítulo Estudantil e de Jovens Pesquisadores (*Student and Early Career Chapter*, SECC) e também o blog de divulgação científica *Reefbites* dentro da Sociedade Internacional de Recifes de Coral (*International Coral Reef Society*, ICRS) com o objetivos de aumentar a acessibilidade e diversidade de recursos científicos sobre a área para estudantes e cientistas em início de carreira. Além disso, em 2020 se inicia a formação do primeiro time de tradução do SECC, trazendo a possibilidade da disseminação deste conhecimento pensado para blog e redes sociais para as duas principais línguas da América Latina: espanhol e português, dentre outras.

Análise do desenvolvimento do projeto

A ICRS foi fundada em 1980 com o objetivo de promover a produção e disseminação do conhecimento científico e entendimento sobre os recifes de corais, vivos ou fósseis. Em 2018, com a necessidade de incluir estudantes, surge o Capítulo Estudantil do ICRS, que no ano de 2022 muda seu nome para Capítulo Estudantil e de Jovens Pesquisadores (ICRS-SECC) para incluir também pesquisadores que estão nos primeiros anos de sua atividade de pesquisa após o fim do doutorado. O Capítulo inclui diversos subgrupos, responsáveis por diferentes atividades que buscam tornar a ciência recifal mais acessível. Entre eles temos o Comitê Diretor, Mídias sociais e Comunicações, Educação e Divulgação, Equidade, Diversidade e Inclusão, e Tradução.

A maior atuação de pesquisadores brasileiros se iniciou a partir de 2020, quando foi formado o grupo de tradutores da língua portuguesa, composta na sua totalidade por membros brasileiros. Hoje, o grupo conta com 8 membros, sendo 7 deles brasileiros, distribuídos em instituições do Sudeste e Nordeste do Brasil, além de Alemanha e Arábia Saudita. Em dois anos de atuação, 47 trabalhos foram traduzidos, totalizando 44.822 palavras doadas, variando de material para Instagram, Twitter, infográficos, site, entrevistas e, de forma mais expressiva (40 trabalhos), artigos do blog *Reefbites*, correspondendo a 90% da carga de tradução (~40 mil palavras), que daremos destaque quanto a sua potencialidade aqui.

Desde sua concepção, o blog *Reefbites* já acumula mais de 62 mil acessos, sendo o Brasil o terceiro país com mais acessos (6% do total) e o México o quinto, mostrando o potencial de acessos de países da América Latina que falam Português e Espanhol. Apenas de não ter sido possível obter os dados ano a ano, 25 mil acessos, ou 40% desses acessos foram provenientes de países em que Inglês não é a língua oficial. Cerca de 4 mil acessos vieram de países lusófonos (6% do total ou 16% dos países não-anglófonos), 5 mil de países hispano-falantes (9% do total ou 21% dos não-anglófonos). Por fim, os acessos de países pertencentes à América Latina totalizam 9 mil acessos, 14% do total.

Considerando o grande alcance das iniciativas do ICRS-SECC e os fluxos de publicação e divulgação em mídias sociais oficiais do capítulo estarem bem estabelecidos, indicamos o potencial de público e a necessidade de focar em uma estratégia voltada para latinoamericanos. Tendo como perspectiva futura seria importante a inserção de mais brasileiros e outros latinoamericanos na equipe de redação dos textos, o que já foi iniciado em Banha (2021), Grillo (2021) e Shintate (2022), além da manutenção da equipe de tradução a inserção também em mais níveis da organização.

Por fim, seria importante a criação de uma equipe de redação em língua Portuguesa usando como apoio a tradução no sentido contrário, de Português para Inglês. Também sugerimos um projeto voltado a utilizar o material criado pelo Capítulo em escolas e projetos de conservação.

Considerações Finais

Em 2020 o ICRS-SECC iniciou a inserção de brasileiros à equipe de tradução afim de democratizar o acesso aos materiais do Capítulo e iniciar um diálogo mais específico com este público. Contudo, embora a tradução de materiais para idiomas locais seja importante, ela traz apenas a mensagem do emissor original, enquanto

que novos escritores podem atravessar esta barreira cultural. Desta forma, é recomendada a participação de ambas as frentes na comunicação de sociedades científicas internacionais para democratizar o acesso à informação e elevar o potencial de países não-anglófonos.

A hegemonia do uso da língua inglesa como língua comum para a ciência, apesar de facilitar a troca de informações entre países e culturas distintas, pode se tornar uma grande barreira de acesso à literatura científica. Hoje, a partir de perspectivas anticoloniais e sob a desafiante ótica da Diversidade e Inclusão, torna-se necessário a perpetuação de novas narrativas, destacando a potencialidade existente nos países da América Latina através do uso do Português e Espanhol.

Agradecimentos

Agradecemos ao ICRS-SECC, seus estudantes e pesquisadores voluntários que se dedicam à divulgação da ciência recifal, e à Sociedade Internacional de Recifes de Coral por apoiar estas iniciativas.

Referências Bibliográficas

Badillo, A. (2021). O português e o espanhol na ciência: notas para um conhecimento diverso e acessível. Madrid, v.1, 2021. 102 p.

Centro De Gestão E Estudos Estratégicos. (2021). Boletim Anual OCTI. Brasília, v.2, 2022. 176 p.

Banha, T. (2021). Corais do Atlântico Sul são resistentes. Reefbites.

British Council (2014). Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil.

D'Agata, S. (2022). Ecosystems services at risk. Nat. Clim. Chang. 12, 13–14 <https://doi.org/10.1038/s41558-021-01256-7>

Grillo, A. C. (2021). To communicate about the Ocean. Reefbites.

Groffman, P.M., Stylinski, C., Nisbet, M.C., Duarte, C.M., Jordan, R., et al. (2010), Restarting the conversation: challenges at the interface between ecology and society. Front. Ecol. Environ., 8: 284-291. <https://doi.org/10.1890/090160>

Márquez, M.C., e Porras, A.M. (2020), Science Communication in Multiple Languages Is Critical to Its Effectiveness. Front. Comm, 5. <https://doi.org/10.3389/fcomm.2020.00031>

Pert, P.L., Thiault, L., Curnock, M.I., Becken, S., Claudet, J. (2020). Beauty and the reef: Evaluating the use of non-expert ratings for monitoring aesthetic values of coral reefs. Sci. Total Environ., 730, 139156. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.139156>

Shintate, G. (2022). The Brazilian “jeitinho” way of carbon fixation in a subtropical coral reef. Reefbites.

Tardy, C. (2004). “The role of English in scientific communication: Lingua Franca or Tyrannosaurus rex?,” in J. English Acad. Purp. 3, 247–269. <https://doi.org/10.1016/j.jeap.2003.10.001>